

MARIA THEREZA SIMÕES CORDEIRO

GRANDE REPORTAGEM SOBRE ESCOLAS ALTERNATIVAS EM  
FLORIANÓPOLIS -- EDUCAÇÃO COM LIBERDADE

Florianópolis, novembro de 1988.

ORIENTADOR: HENRIQUE FINCO

1

Crianças soltas, correndo e gritando. Felizes como o quê, o brilho nos espertos olhinhos era de chamar a atenção. Esta é a imagem de quatro escolas de Florianópolis, onde educar é um ato lúdico, como diz o orientador pedagógico de uma delas, o SARAPIQUA.

Quem vai esperando ver em escolas alternativas a anarquia instalada, já com o circuito do preconceito ligado, toma um susto. Afinal o aprendizado ocorre, as atividades são programadas e a discussão sobre educação, é constante.

O debate sobre educação, métodos e teorias da aprendizagem está em pauta sempre, nestas e em outras escolas. A diferença está na qualidade do debate. O conceito vigente no Brasil sobre o ato de educar traz em si o medo de pensar fórmulas diferentes. Assim o sistema oficial de educação mantém a sua espinha dorsal na escola moralista, hierárquica e alienante dos tempos de outrora. Apesar de vários e renomados teóricos, como Piaget, Frenet e Carl Rogers, já terem sistematizado os poucos pensamentos que vão de encontro a idéia de uma educação com mais respeito à individualidade das crianças.

Nos métodos que regem as escolas classificadas como alternativas, o universo da criança é visto com mais respeito. Existe também a preocupação em despertar no aluno a criatividade, o questionamento e a curiosidade, além do lado afetivo. Este aspecto pode ser notado nitidamente na alfabetização.

2

Geralmente, quando nas escolas classificadas de convencionais chega a hora de ensinar a ler e escrever, é como se a criança fosse obrigada a abandonar o universo de fantasias e brincadeiras de até então. A criança começa a ser exigida em coisas que até aquele momento ela sequer tinha tomado conhecimento. Por exemplo, o caderno caprichado e organizado passa a ser cobrado, sendo que antes a criança somente desenhava em folhas e cartazes.

No outro lado da moeda, a alfabetização também ocorre, só que encarada de maneira mais próxima às potencialidades do ser que inicia a vida. Desta forma, a alfabetização é vista como algo tão natural quanto aprender a falar e andar. Esta idéia é baseada na obra de Emilia Ferreiro, autora de vários livros sobre a alfabetização e que admite a alfabetização como um processo natural, basta que a criança conviva com a escrita e leitura.

Nestas quatro escolas, a criança e a educação são vistas sob um prisma coincidente. O importante é despertar curiosidades e desafios, levando em consideração a individualidade do aluno. Até as atividades que são desenvolvidas a cada dia são definidas a partir do interesse e manifestações da criança. Isto não significa, porém, que a ação da professora é restringida.

UMA ALTERNATIVA

3

Tanto na associação Pedagógica da Praia do Riso, quanto no Sarapiquã o funcionamento administrativo é em forma de cooperativa, sem fins lucrativos.

O Sarapiquã, que é o nome da escola do Centro Cultural Sol Nascente, nasceu da falta de espaço dos pais para discutir os problemas políticos que os afligiam e que atingiam também as crianças. Ao todo, a escola abriga cerca de cinquenta e quatro alunos, numa faixa etária que vai de um a seis anos. Todas as atividades procuram usar e desenvolver a arte. "O ensino pela arte", frisa o coordenador pedagógico, Ivan.

No Sarapiquã os educadores, no sentido essencial da palavra, foram buscar em autores como Piaget, Frenet e Emilia Ferreiro, o embasamento teórico sobre a sua prática. E segundo eles, a criança deve se permitir fazer as coisas conforme o seu desenvolvimento pede. Assim, o que a criança mais gosta de fazer é brincar. E é por isso que nestas escolas até o aprendizado é encarado da maneira o mais natural possível.

#### ESPAÇO TAMBÉM PARA OS PAIS

Este jeito de pensar a educação, que é coincidente nas quatro escolas, surgiu com a necessidade dos próprios pais e professores em terem um espaço para, não só, educarem os seus filhos ou praticarem sua profissão, mas também para discutir várias questões sobre eles próprios. Dúvidas sobre liberdade, limite e até questões políticas e sociais, por exemplo.

Na Associação Pedagógica da Praia do Riso, que antes disto era a "Escola Alternativa", foram estes questionamentos que levaram os pais dos alunos e os professores a transformar a escola numa cooperativa. Hoje a APPR não visa lucros, assim como o Sarapiquã e o Anabã, e os pais têm uma participação significativa na vida da escola. Existem algumas comissões, para melhor dividir esta participação: melhoramentos e psicopedagógicas são duas delas.

Mas nem todas as escolas alternativas trabalham num sistema cooperativo. Uma delas, a Vivência, que hoje tem aproximadamente setenta e cinco alunos, funciona como empresa, não deixando de lado o incentivo à participação dos pais. As duas proprietárias da Vivência, Keka e Detinha, já tiveram experiência no esquema de cooperativa: elas ajudaram a fundar o Sarapiquã, que hoje é uma associação. Porém, um traço comum permanece longe das diferenças: o respeito à individualidade da criança e a forte participação dos pais.

#### NATURAL COMO APRENDER A ANDAR

"Valorizamos as conquistas da criança. Não priorizamos a alfabetização na pré-escola". Assim, Kátia Borges, coordenadora de alfabetização e primeiro grau da APPR, traduz a metodologia aplicada. Segundo a educadora Emilia Ferreiro, a criança quando começa a viver o universo exterior, começa a fazer a leitura deste mundo. E é esta

teoria do desenvolvimento infantil que norteia estes educadores.

Desde que entra numa destas escolas, a criança começa a desenvolver todos os aspectos da educação, do cognitivo ao afetivo. Seguindo ainda o estudo de Emilia Ferreiro, a primeira etapa, que se dá naturalmente, é aquela em que a criança vai relacionar a escrita com a característica do objeto. Por exemplo: para escrever a palavra BOI, a criança usará muito caracteres e para escrever FLORZINHA, ela usará poucos. Ainda segundo os ensinamentos de Emilia Ferreiro, estes educadores procuram respeitar e compreender todas as etapas da alfabetização de uma criança. O segundo degrau que uma criança alcança é o silábico, quando então, alguns caracteres podem significar uma palavra, por exemplo: escrevendo C V L, ela imagina aí a palavra CAVALO e assim por diante. Depois, a criança entra numa fase intermediária-silábica alfabética. Esta etapa é reconhecida quando a criança "come" letras, um exemplo: B A T T A, significando BATATA. Enfim, o momento em que já é feito o reconhecimento e a representação de todos os sons - a fase alfabética. Porém, existem ainda dificuldades quanto à ortografia, que serão corrigidas gradativamente.

DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

Para que todo este processo obtenha um resultado positivo é importante que a criança compreenda a função da escrita e da leitura. E isto é feito de maneira bastante natural.

Desde bem pequena, ela já recebe os seus trabalhos com o nome, tem sua identificação entre os colegas. Com este tipo de cuidado, existe a possibilidade da criança cultivar o interesse pela leitura e pela escrita, de forma que ela seja o sujeito da alfabetização e não mera reprodutora da mesma.

Conforme a criança vai se desenvolvendo, ela começa a elaborar pensamentos, e os vai colocando no papel. Nesta etapa uma característica destas quatro escolas é apresentar textos que tenham significado para o universo da criança, o que é conseguido trabalhando intensivamente com textos dos próprios alunos.

A dinâmica nas salas de aula destas escolas representa mais uma abertura no ato de educar. A troca de informações entre os alunos, que é quando uma criança transmite à outra as suas experiências vividas, é vista positivamente. A participação do professor neste processo acontece mais de forma a coordenar do que mandar e ditar tarefas. No cotidiano destas escolas, uma prática é comum: independente da idade da turma, antes de se iniciar a aula, as crianças tem espaço para propor atividades e até negar as propostas pelo professor. Importante frisar que isto não leva os professores ao comodismo, a simplesmente executar as vontades dos alunos, e sim a uma atenção permanente com o estágio e interesse da turma. O ensino deve ser globalizado e a atenção do professor deve ser voltada para isto, ao invés de simplesmente cumprir currículos impostos pelas Secretarias de Educação.

7

Segundo a psicóloga Dulce Soares, que trabalha com orientação profissional no departamento de psicologia da UFSC, o maior problema nos seus "atendidos" é reflexo de uma educação desvinculada da realidade. Grande parte dos estudantes chega ao vestibular com falta de informação profissional. Só na edição de 88, cerca de 31% dos alunos (848 alunos) aprovados pelo vestibular já havia iniciado algum curso superior. Dulce frisa que isto é um retrato da falta de vinculação entre a teoria e a prática, desde a pré-escola até a pós-graduação. Esta visão globalizadora da educação, dada pela psicóloga, é compartilhada pelas escolas alternativas. Por exemplo, na hora do lanche, as crianças decidem no dia anterior o que irão comer e aí cada uma fica encarregada de trazer um ingrediente. No dia seguinte, todas vão preparar, coletivamente, sua comida. Desta forma, une-se o trabalho em equipe e o contato com leis de química que serão estudadas muitos anos mais tarde. Esta vivência é fundamental para uma educação que se pretende integrada.

#### TRABALHO EM GRUPO

Integrar não é importante somente na área cognitiva, mas também, e principalmente, no aspecto afetivo. O trabalho em grupo é uma etapa bastante prestigiada, afinal, é nesta hora que a criança percebe o grupo e o seu papel dentro dele. Vários são os objetivos desta atividade: incentivar o sentimento de coletividade, fazer com que a criança



reconheça a sua importância, mas que também saiba respeitar o outro - que neste caso pode ser um colega ou o próprio grupo. Aprender, ou melhor, descobrir a motivação da troca é um alvo também a ser atingido.

Para estes educadores, por trás destes objetivos educacionais, esconde-se uma visão social e universal. Há quem ainda sonhe (o que por si só já é um ato louvável) com uma sociedade igualitária, onde se possa discordar, criticar e questionar. Isto com certeza sequer é comentado na escola tradicional, que está mais para servir o sistema vigente do que para servir a sociedade. A clara preocupação destas quatro escolas em desenvolver o senso de liberdade responsável chega às vezes a emocionar. Só o fato de ser dado às crianças o direito de escolherem suas atividades, questionarem as atitudes da professora e dos próprios colegas, pode ser encarado de forma positiva e digna de servir como exemplo.

O trabalho coletivo é usado ainda para suscitar o cuidado com o ambiente onde vivem. A horta, por exemplo, que muitas escolas cultivam, não é propriedade da escola e sim um bem comum e portanto deve ser observada e tratada com muito carinho e respeito. Também é em grupo que as crianças são levadas a desenvolver a criatividade e o senso artístico. Para isto são realizados trabalhos como estórias coletivas, dança, música e representação. Em qualquer uma destas etapas é formada a visão do coletivo junto com o objetivo específico de cada atividade.

Desta forma aliam-se as metas da aprendizagem, da consciencia social e da brincadeira.

A socialização do trabalho é desenvolvida junto com os pais, que em qualquer uma destas escolas alternativas, é muito difundida.

A APPR, tem pais ligados diretamente à escola. As avaliações, também conjuntas, permitem uma troca mais rica de experiências e sensações. Esta vivência propicia aos pais e professores um compromisso mais critico e responsável com a educação das crianças. Desde um concerto, ou reforma, até discussões teóricas sobre educação os pais são convocados. O inverso também ocorre: os pais convocam os professores para alguma atividade. Com esta prática, o ambiente escolar se transforma para a criança em algo mais familiar e, portanto, ela passa a se sentir parte da escola. Afinal, elas vibram ao comentar com o coleguinha: "aquele cartaz foi meu pai quem fez", "aquele desenho na parede foi minha mãe".

Com este tipo de integração, a criança tem condições de perceber, desde cedo, que, para que elas e seus amigos tenham uma escola mais bonita e mais agradável, é preciso a cooperação de todos-pais, professores e alunos-, ela experimenta um modelo mais justo e saudável de sociedade.

#### ANABA- UMA PROPOSTA ANTROPOSOFICA

Uma ciência espiritual que visa o conhecimento global do homem, é assim que a antroposofia se define. Dentro deste espirito, ela serve a vários setores do conhecimento:

agronomia, medicina, arquitetura, entre outros. Alguns educadores também buscaram apoio nesta ciência, desenvolvendo uma teoria que coloca a criança como centro de todos os objetivos a serem atingidos.

Nasceu, então, a "Educação Waldorf", que tem um estudo aprofundado e uma prática em desenvolvimento. Helmut von Kugelgen, um professor adepto desta filosofia de educação, afirma no livro "A EDUCAÇÃO WALDORF", que "a responsabilidade do professor é muito grande, muito maior do que seria se estivesse relacionado à simples matéria de ensino. Sempre se deve levar em conta a totalidade do homem, concebido como alma e espírito". Este conceito tem uma característica que define com precisão a espinha dorsal da educação Waldorf: a preocupação em atender o lado espiritual da criança.

O Anabã, escola da Associação Pedagógica Micael, se utiliza desta filosofia. Em 1979, um grupo de pessoas preocupadas com a educação de seus filhos, lançou uma nova semente no desenvolvimento das escolas em Florianópolis. Hoje funcionam quatro classes de jardim, uma de pré escolar e uma sala de oficina de artes, além de atividades paralelas como aulas de inglês e música. Também existe o projeto de instalar o primeiro grau.

"Alma do homem". O significado da palavra tupi guarani- Anabã- reflete o comportamento educacional desta escola, onde existe uma grande preocupação em se respeitar a criança e a sua maturidade. "Nada de alfabetização antes dos sete

anos", frisa Raquel, professora da escola, pois segundo a metodologia adotada pelo Anabá é dos 6 aos 7 anos que a criança começa a mostrar que alcançou as condições ideais para ser alfabetizada.

No jardim e prê, o trabalho desenvolvido dá ênfase ao ritmo. Nas atividades diárias o ritmo é utilizado de forma levar à auto-disciplina. Esta prática durante o ano funciona como uma onda. A criança tem determinadas atividades especiais, para as quais se prepara por algum tempo. Depois de realizada a atividade, é iniciada, lenta e paulatinamente, outra, até que chega novo momento de ápice, quando então se recomeça o ciclo.

A integração social é outro objetivo básico da escola, onde o trabalho numa mesma sala com crianças de idades diferentes, faz parte da opção metodológica. Desta forma, ela sente a importância do convívio conjunto, umas ensinando as outras. Faz parte também dos desejos da escola o auto desenvolvimento e auto conhecimento e para isto a alimentação, com cardápio integral é prática constante da escola. São as próprias crianças que fazem o pão, a salada de frutas, etc.

Como a criança está em formação, o ambiente físico também é pensado de acordo com as necessidades dela. Todo material utilizado é natural- brinquedos feitos à mão, às vezes pelos próprios pais, muito pano, pedras, conchinhas, areia e terra. As salas de aula são construídas seguindo os princípios da arquitetura antroposófica, ou seja, são de

forma mais circular, tornando o ambiente mais aconchegante e amplo ao mesmo tempo.

A participação dos pais não é limitada à elaboração dos brinquedos, eles são convidados sempre a participar de reuniões. É feito um trabalho sistemático com pais, com reuniões a cada três semanas.

A responsabilidade é dividida com os professores, que assumem um compromisso com a criança. A casa dos alunos é também visitada pelo professor, levando assim a um conhecimento mais íntimo com o universo do aluno. São as crianças, junto com a professora, que determinam suas atividades em sala, e para que haja maior harmonia, a maneira encontrada é fazer com o professor conheça mais profunda e intimamente seus alunos.

Outro elemento tratado em caráter prioritário é o espiritual. A antroposofia aceita a existência de uma hierarquia superior ao homem. Este dado, transmitido às crianças, também serve como parte integrante das atividades da escola. Por exemplo, dia 29 de setembro é o dia de São Miguel, arcanjo que rege a nossa Era. As informações sobre o significado dos símbolos de São Miguel, a força e a coragem, são desenvolvidas com os alunos. Elas preparam-se, então, para a festa de 29 de setembro, quando chegam a mais um ápice anual.

A busca para enriquecer o crescimento da alma do homem é iniciada logo cedo e com um tratamento cuidadoso e especial.

Mariana Bastos, de seis anos, é aluna da tia Ligia, professora do pré primário da escola Vivência. Antes de ingressar na Vivência, Mariana frequentava um "jardim de infância" que chegava a manter 24 crianças de dois anos com apenas uma professora, quando então, começou a chorar para ir à escola. Segundo sua mãe, Karla, de 26 anos e estudante de jornalismo na UFSC foi o fato de Mariana não ter se adaptado a este esquema, "que é mais para ganhar dinheiro", reconhece Karla, que levou-a a buscar uma alternativa de escola, que atendesse as necessidades de sua filha. Uma vizinha de Karla era professora da Vivência.

"Tive que aguardar, numa lista de espera, uma vaga para Mariana", lembra Karla. Ela explica que mesmo a mensalidade sendo um pouco elevada, as pessoas procuram a Vivência. Pessoas que, talvez como Karla, se decepcionaram com as escolas tradicionais e tentam um método que faça de seus filhos, crianças saudáveis, afetivas e que saibam que são amadas e respeitadas.

A participação efetiva dos pais na escola é vista com bons olhos por Karla. Ela acredita que esta prática ajude a criança a sentir-se mais segura, afinal, os pais se integram nas atividades delas próprias, como um passeio onde vão todos juntos. Além disto, os pais vão crescendo com a criança, conscientes das conquistas dos seus filhos.

Este modo de integração criança-pais-escola, não existe nas escolas tradicionais. Isto preocupa muitos pais, que temem que seus filhos não consigam se adaptar ao esquema

destas escolas. Para a mãe de Mariana, no entanto, sua filha, que se desenvolve num ambiente onde é livre e incentivada a criticar e argumentar, esta etapa (que inevitavelmente ela irá vivenciar, caso queira chegar à universidade) será facilmente superada. "Pois Mariana, desde já, sabe brigar pelo que quer, sempre usando a argumentação".

Aqui as crianças dão sua própria opinião. São textos de alguns alunos da APPR sobre a escola onde estudam.



Muito Bem

... minha Escola  
minha escola é legal.  
minha escola tem curiosidade.  
... minha avó, ela era professora  
ela disse que gostava  
porque ela sentia que  
estava aprendendo  
ela ensinava tudo que ela  
sabia para os alunos

Fim

Correção: Cuidado com os  
parágrafos

Arvore

Gustavo Jahn  
2ª série - APPR

Ataric



A minha Escola

Ela tem o parque grande.

Eu gosto de fazer testes.

A Mary é legal.

Eu gosto da Tônia.

O meu Colégio só vai até a 4ª série.

A minha irmã estuda aqui -  
também. Cicero Postiglione

2ª série - 'APP

---

Coloque o acento: (1)

Colégio  
só  
até  
série  
também

## A escola

É a gente se situando na escola.  
É também gente saíndo  
do trabalho no pátio.  
A escola fica perto de uma praça  
chamada de São Paulo.  
O município de São Paulo é 44/62/57.  
O pátio tem muitos brinquedos e  
tem de ser mais agradável.

Bruno B. Becker 29seite - APB

fazer uma do quinde - passo 120  
gaze

Olmo

a minha casa.

trigo minha casa, e  
muito legal a vista e bem  
grandes, tem muitas frutas,  
hortas e bichos. Mas bem como  
muito. Existem muitos arrozais  
frutíferos: Amora, goiaba,  
a melancia, e muitas outras.

Conceito  
Rick - 28<sup>o</sup> & 1<sup>o</sup> -  
APP

patio / arvores / ameixas

minha luz.  
Eles gostaram muito da  
arquitetura.

Um dia eles foram bratar  
já estavam comitêndos.

Elas pediram a mim a companhia  
minha de uma parte de um  
passarela com tica-laranja

o- fazenda vou (1) os foram alguns  
e entram num buraco.

elas não tinham cordão, mira  
caiu logo depois da machado, verificou  
nao tinha quebrado nada.

Se quebrar a lanterna.

silica com bolha de vidro um  
buraco, para sair de lá.

silica com bolha de vidro de  
buraco.

Ele falou um rípio e

fogou e rípio para mira de  
um bag de quia para não cair.

Rick / 28<sup>o</sup> / 1<sup>o</sup> / APP

durante o resto que miral estava  
com a bag de quia silica

passou a rípio e mira com o quia  
nao.

Olmo  
nao.

24/10/88

A esclacha.  
Um dia não tem